

Demora no diagnóstico

O difícil diagnóstico é, inclusive, um dos impasses para os celíacos. Por ainda ser considerada rara, a doença celíaca geralmente é a última hipótese levantada pelos médicos nas consultas. "Ela é uma das doenças mais subdiagnosticadas. Porque, quando os sintomas são atípicos, o médico acaba não investigando", explica o gastroenterologista Vinícius Machado. "A classe médica ainda não vê a doença como mais freqüente. Pensa em muitas outras enfermidades, mas não a celíaca. Não está dentro dos primeiros pensamentos do médico como possibilidade", esclareceu.

Keisse Lopes da Silva, 10 anos, é um os exemplos de celíacos que tiveram a doença

subdiagnosticada. Ela foi levada pelos pais a vários especialistas antes de descobrir que tinha a doença celíaca. "Keisse ficou seis anos tendo os sintomas. Fomos a vários médicos, fizemos exames, até remédio para verme ela tomou", contou Paulo Roberto Ferreira da Silva, presidente da Associação dos Celíacos do Brasil no DF e pai da garota. "Ela apresentou os problemas intestinais quando completou dois anos, depois de comer o bolo de aniversário. Foi quando começou a nossa peregrinação pelos médicos para descobrir o que ela tinha."

Apesar de estar mais habituada em privar-se de alimentos com glúten, Keisse não deixa de lamentar. "De vez em quan-

do, vejo algum colega comendo e fico com vontade", conta. No entanto, ela, que cursa a 5ª série do ensino fundamental, tem consciência de que a dieta sem glúten, no fim das contas, é mais saudável à saúde. "Eu acho mais gostoso e engorda menos."

A vida social do celíaco se torna restrita, mas não para pessoas como Keisse. A estudante vai às festinhas preparada: leva lanches, os quais a família bati-izou de "Kit sobrevivência". "Como afastada das pessoas. Mas sabemos que não somos diferentes de ninguém", orgulha-se. A mãe, Rita Maria Lopes de Araújo, prepara os pratos à base de cremogema, massa de batata, amido de milho e polvilho. "Ela faz tudo pra mim", disse.